

8
15

Filosofia

Ciência&Vida

ANO XIV • www.escala.com.br

**SIGNIFICADO
E DIREÇÃO**
TRADIÇÕES
FILOSÓFICAS
QUE BUSCARAM
DAR SENTIDO
AO CAOS DA
HISTÓRIA DO
HOMEM

**A VOZ DE JOSÉ
MEIRINHOS**
O PAPEL DOS
FILÓSOFOS NO
DEBATE E NA
DEFESA DAS
INSTITUIÇÕES E
DOS VALORES



MUNDO EXTERIOR COMO PROBLEMA

A TEORIA DO CONHECIMENTO DE

BERTRAND RUSSELL E A BUSCA PELA

REALIDADE EXISTENTE POR TRÁS DAS APARÊNCIAS


EDITORA
escala

EDIÇÃO 158 - PREÇO R\$ 17,00
ISSN 1808-0288
0101158
9 1771 8879 1623 0105

PARA O PROFESSOR: EXISTE UMA FILOSOFIA BRASILEIRA? AS IDEIAS E A FORMAÇÃO CULTURAL NO BRASIL

SUMÁRIO

158



26_ CAPA

A noção de construção lógica de Bertrand Russell influenciou outros filósofos, e o ideal de uma filosofia com poucos compromissos ontológicos – que está na base da proposta de uma construção lógica do mundo exterior – ainda é seguido por muitos.

36_ FILÓSOFO DA RESPONSABILIDADE

Há 40 anos, a obra de Hans Jonas não só prenunciava a crise do avanço tecnológico como propunha uma solução ética que se baseava no dever de cuidado do ser humano diante da vida.

44_ SIGNIFICADO E DIREÇÃO

Durante séculos, pensadores de diversas tradições filosóficas dedicaram-se ao estudo do conjunto da história da humanidade para decifrar sua lógica e trazer sentido ao caos de seus eventos.

50_ O MUNDO AINDA É JOVEM

Domenico de Masi analisa o conceito de classes elaborado por Karl Marx para explicar as novas relações sociais em tempos de globalização.

56_ FILOSOFIA NA ESCOLA

Interessado na educação como fenômeno individual e social, Anísio Teixeira apresenta perspectivas para compreender os ideais, princípios e as finalidades sociais e políticas da escola pública.

60_ PRÁXIS

Uma reflexão sobre a sensação de isolamento gerada por bolhas de grupos de opiniões divergentes, o que pode ser uma oportunidade de aprender novas formas de interação.

LEITURA RÁPIDA

10_ DIÁLOGO COM JOSÉ MEIRINHOS

Considerado um dos maiores nomes da Filosofia Medieval no mundo, ele esteve no Brasil e reforçou a importância das organizações para a discussão e difusão das pesquisas.

16_ O HERÓI DOS ENSAIOS

Ao lado de Shakespeare, Michel de Montaigne é a grande figura da Renascença europeia, e sua obra deixa claro que o seu maior interesse era a gestão da vida.

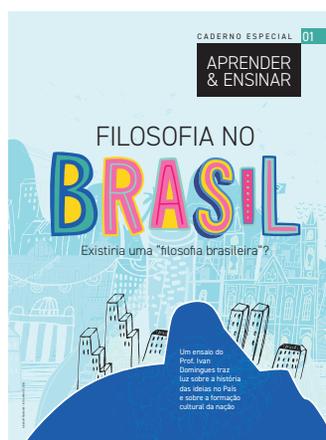
22_ CORES E LUZES

A Beleza, por derivar de Deus, está em todos os cantos, e é sinônimo do Bem, onde se amalgamariam a beleza física e a virtude. Este foi o caminho pelo qual o belo também se tornou essencial para o encontro com o sagrado.

| | |
|----|--------------|
| 05 | CAUSA&EFEITO |
| 09 | A PRIORI |
| 15 | CINÉFILO |
| 21 | DEEP ECOLOGY |
| 59 | ECOS |
| 64 | LER MAIS |
| 65 | CARTAS |
| 66 | A POSTERIORI |

CADERNO ESPECIAL FILOSOFIA NO BRASIL

Ensaio sobre a remodelagem da *intelligentsia* brasileira e o aparelhamento da atividade intelectual, ocorridos a partir da criação das universidades e instituições coligadas.



Vida digna de ser vivida

POR **ADRIANO CORREIA**

Dentre as poucas afirmações de Sócrates nos diálogos platônicos, uma é bastante conhecida e traduz uma convicção central de sua ocupação com a filosofia: uma vida sem reflexão não vale a pena ser vivida. Quando enuncia tal princípio na Apologia, Sócrates está a apresentar sua defesa aos atenienses que o acusavam de corromper a juventude com sua filosofia, ao passo que ele mesmo considerava sua atividade de interpelação constante dos cidadãos indispensável ao bem-estar da comunidade política. Sócrates parecia julgar que o bem-estar da vida política dependia de que os cidadãos examinassem incessantemente suas opiniões e, por conseguinte, chegassem à capacidade de refletir sobre suas crenças e de bem fundamentá-las. Julgava que era um bem para a cidade, pois pensava que o viver junto a outros supõe que, antes, cada indivíduo seja capaz de viver junto a si mesmo, e isto se dá na reflexão incessante, por meio da qual sou testemunha e juiz de minhas ações e princípios, em um diálogo interminável comigo mesmo. Para o filósofo, haveria, portanto, uma conexão estreita entre sua atividade e a vida política, ainda que ele mesmo não pleiteasse assumir qualquer protagonismo político. Sócrates, como é sabido, não convenceu a sua audiência de cidadãos de Atenas e acabou condenado à morte. Mas em que consistia essa sua atividade filosófica e como compreendia a tarefa do próprio pensamento? Sócrates interpelava constantemente os cidadãos, e não os deixava quietos, como ele mesmo reconhece. Partindo de questões gerais sobre a justiça, a virtude etc., ele buscava despertar os cidadãos para a busca da verdade subjacente à opinião de cada um, o que significava em primeiro lugar compreender que toda opinião é perspectiva e que ninguém pode pretender estar na posse de uma verdade inquestionável. Ele buscava, então, explicitar o caráter limitado de toda opinião para livrar os cidadãos dos preconceitos que os impediam de pensar, de continuar refletindo sobre a justiça, a virtude, o bem, a beleza, a verdade etc., por julgarem já saber em que consistia cada um desses temas.

Sócrates não propunha qualquer doutrina, mas em sua atividade se dá a ver uma compreensão específica da atividade do pensamento, que não é primariamente contemplativa, mas, antes de tudo, comprometida com os assuntos humanos. Claramente há perigos associados à atividade do pensamento compreendido como uma reflexão incessante, pois é de sua natureza não deixar nada a salvo desse escrutínio. Conceitos, doutrinas, convicções são precisamente o tema dessa reflexão, e quando alguém é despertado para a precariedade, a parcialidade e o caráter perspectivo dessas coisas do pensamento, há sempre o risco de o pensamento crítico dissolver crenças em perplexidades – o “sei que nada sei” que marca o envolvimento de Sócrates com a filosofia. O que resulta dessa experiência socrática com a atividade do pensamento, portanto, não é um sistema articulado de verdades evidentes ou uma doutrina, mas a própria experiência de uma vida que não abdica da busca do significado porque compreende que o pensar é uma atividade que acompanha a vida e que é decisiva para a dignidade dessa mesma vida. Como bem notou Hannah Arendt, em *A vida do espírito*, ao refletir sobre Sócrates, “o pensamento é igualmente perigoso para todos os credos e, por si mesmo, não dá origem a nenhum novo credo”. É muito perigoso para todo dogmatismo, doutrinação e manipulação, e implica uma dedicação e uma busca que dura enquanto dura a vida – uma vida que, para ele, vale a pena ser vivida. Muito mais perigosa, todavia, é a recusa a pensar, pois ela é gêmea do conformismo, da vida subjugada e tutelada. A filosofia que brota desse ímpeto socrático é, por definição, anticonformista e adversária de toda obediência cega. É por isto que em tempos sombrios, quando a compreensão parece impossível e o diálogo parece interdito, a filosofia e sua busca de significado é muito mais perigosa e muito mais urgente. 🌿



ADRIANO CORREIA é professor de Filosofia da Universidade Federal de Goiás e presidente da Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia (ANPOF).



CRITÉRIO FILOSÓFICO

Considerado um dos maiores nomes da Filosofia Medieval no mundo contemporâneo, José Meirinhos, presidente da Sociedade Portuguesa de Filosofia, reforça a importância das organizações para a discussão e difusão das pesquisas

POR **NÁDIA JUNQUEIRA RIBEIRO** COLABOROU **ALFREDO STORCK**

Em outubro de 2019, o presidente da Sociedade Portuguesa de Filosofia esteve no Brasil para participar do I Congresso da Sociedade Brasileira pelo Estudo da Filosofia Medieval, em Porto Alegre. Na ocasião, José Meirinhos, que também é diretor do Departamento de Filosofia da Universidade do Porto e presidente da Sociedade [ibérica] de Filosofia Medieval, defendeu a obrigação de professores e estudantes de Filosofia resistirem ao ataque que a área vem sofrendo. Para Meirinhos, foram a ciência e a generalização da educação que contribuíram decisivamente para vivermos em um mundo melhor e é responsabilidade dos professores e estudantes de Filosofia continuar a trilhar essa via, resistir e contrariar todas as ameaças.

Segundo o filósofo, não há receita mágica para o pensamento ser eficaz. Ele defende,

contudo, a argumentação clara, a intervenção pública, a defesa das instituições e de valores partilhados como as vias com as quais filósofos de todos os tempos contribuíram para o seu próprio tempo. “Cabe-nos fazer o mesmo”, disse o professor. Ele acrescentou que quem ataca a Filosofia e as Humanidades julga, equivocadamente, que este campo pode ser separado das demais ciências. “Quem começa atacando uma parte do saber, acabará tendo medo e tentará fazer o mesmo com todos os outros campos. Os que agora atacam a Filosofia estão bem a tempo de compreender o erro que estão cometendo”, disse.

Meirinhos também compartilhou a experiência da supressão do ensino obrigatório da Filosofia nos liceus na Espanha, há seis anos, e como a situação foi revertida. A comunidade filosófica mobilizou-se e respondeu criando



a Red Española de Filosofía (REF). Depois de quatro anos de diálogo com agentes públicos, a rede conseguiu a reintrodução da Filosofia no ensino secundário.

Ele enfatizou, nessa experiência, a importância das cooperações internacionais. Por iniciativa da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (Anpof) e de sociedades filosóficas ibero-americanas, em 2017 foi publicada a “Declaração de Salvador a favor da Filosofia”, que, segundo o professor, teve grande importância no sucesso dessa luta da REF na Espanha.

Cânone filosófico

O evento em Porto Alegre foi organizado pela recém-criada Sociedade Brasileira para o Estudo da Filosofia Medieval. Meirinhos destacou a importância dessas organizações ao afirmar como o trabalho individual isolado é hoje insuficiente, dada a necessidade de discussão e difusão das pesquisas. Para o professor, as sociedades científicas estimulam a interligação e facilitam a participação em atividades da comunidade científica. “Sem reconhecimento público é muito mais difícil que a sociedade como um todo beneficie e saiba valorizar todos os avanços conseguidos pela pesquisa científica”, explicou.

Considerado um dos grandes nomes da Filosofia Medieval hoje no mundo, Meirinhos também opinou sobre o estado das Artes atualmente. Segundo ele, a disciplina descobriu uma diversidade cultural, permitindo assim uma renovação, que tem contribuído para alargar o cânone filosófico. Segundo o professor, há a inclusão, por exemplo, de textos filosóficos ou especulativos escritos por mulheres e por leigos. Confira a seguir a entrevista que ele concedeu por ocasião do Congresso:

Revista Filosofia: Qual é o papel da Filosofia na Europa e no mundo atual?

José Meirinhos: São tempos difíceis. Muito difíceis, no plano social, econômico, cultural, político, educativo. Mas também são tempos inigualáveis na história da humanidade no que diz respeito ao acesso a (melhores) condições de alimentação, de vida e de educação para um maior número de pessoas. O aumento de desigualdades é a maior ameaça a um futuro que, com toda a capacidade de inovação e de produção instalada, deveria ser mais risonho. O autoritarismo crescente é apenas um epifenômeno dessas desigualdades e a tentativa de garantir a sua manutenção. É evidente que foram a ciência e a generalização da educação que contribuíram decisivamente para vivermos em um mundo melhor e para que um maior número de cidadãos tivesse conseguido ascender a melhores condições de vida. Por isso, é nossa responsabilidade continuar a trilhar essa via. Como professores e pesquisadores, temos a obrigação de resistir e contrariar todas as ameaças, a favor desse

“É EVIDENTE QUE FORAM A CIÊNCIA E A GENERALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO QUE CONTRIBUÍRAM DECISIVAMENTE PARA VIVERMOS EM UM MUNDO MELHOR E PARA QUE UM MAIOR NÚMERO DE CIDADÃOS TIVESSE CONSEGUIDO ASCENDER A MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA”

mundo melhor para todos. Pode ser um período mais ou menos longo, mas também é o que a sociedade espera de nós.

Como reagir a esse contexto?

A universidade e a escola no seu conjunto são instituições com responsabilidades acrescidas no mundo atual, pois a sua atividade visa ao benefício de todas as camadas sociais. A tarefa da Filosofia, nas suas múltiplas vertentes e correntes, é sempre mostrar que o pensamento vale a pena. O pensamento fundamentado é a melhor ferramenta de que a humanidade ainda dispõe para construir sociedades prósperas e tranquilas. Não há nenhum exemplo histórico de sociedades justas, bem-sucedidas, com bem-estar do maior número que tenham assentado na divisão, na exclusão, na violência. Todas as que o tentaram desapareceram, para alívio da humanidade. Em tempos difíceis, é papel da Filosofia também ajudar a evitar o desastre. Não há receita mágica para o pensamento ser eficaz. Mas a perseverança, a argumentação clara, a intervenção pública, a defesa das instituições e de valores partilhados foram as vias pelas quais filósofos de todos os tempos contribuíram para o seu próprio tempo, construindo o futuro. Cabe-nos fazer o mesmo.

Por que a Filosofia tem sido objeto de ataques?

A Filosofia, enquanto aspiração ao saber fundamentado que realiza o homem, tem a responsabilidade de lutar por ensino de qualidade, universal, inclusivo. Posições políticas mais divisivas e que apostam na conflitualidade social como modo de atuação só podem ter receio e medo da Filosofia e das Humanidades em geral. Depois acabam tendo receio de todos os outros saberes que ensinam a pensar e que olhem de modo construtivo para tudo que nos rodeia. Desde Sócrates até Miguel de Unamuno, foram muitos os que se levantaram contra todas as formas de

“A TAREFA DA FILOSOFIA, NAS SUAS MÚLTIPLAS VERTENTES E CORRENTES, É SEMPRE MOSTRAR QUE O PENSAMENTO VALE A PENA. O PENSAMENTO FUNDAMENTADO É A MELHOR FERRAMENTA DE QUE A HUMANIDADE AINDA DISPÕE PARA CONSTRUIR SOCIEDADES PRÓSPERAS E TRANQUILAS”



RELEVÂNCIA DAS SOCIEDADES CIENTÍFICAS

José Meirinhos afirma ser “um otimista quanto à contribuição da Filosofia e das sociedades científicas para a consolidação do ensino e da pesquisa, mobilizando a própria comunidade acadêmica e não deixando de ter um diálogo persistente e construtivo com as entidades que tutelam a ciência e o ensino”. Embora as situações sejam diferentes de país a país, ele cita três exemplos de sucesso, ocorridos nos últimos tempos, e que consolidaram não só a importância das sociedades científicas como também o sucesso das ciências. Confira:

1º) Reformas de ensino: Em Portugal está em curso um processo de renovação do ensino da Filosofia no Ensino Secundário (dois anos de Filosofia obrigatórios para todos os estudantes). Neste âmbito, o Ministério da Educação de Portugal solicitou a colaboração da Sociedade Portuguesa de Filosofia e da Associação de Professores de Filosofia, que

opressão e de pensamento único, colocando em risco a própria vida. Mas eles é que deram o exemplo de humanidade e de sabedoria. É deles que nos recordamos em tempos difíceis.

Acredita-se que a Filosofia seja uma área à parte...

O curioso desses ataques à Filosofia ou às Humanidades é julgarem que este campo pode ser separado dos restantes domínios do saber e das ciências. Não podem, como os 2.500 anos de história do pensamento e das ciências já mostraram. A universidade que não tenha ilusões, se for passiva, todos, sem exceção, perderão. Quem começa atacando uma parte do saber, acabará tendo medo e tentando fazer o mesmo com todas os outros campos. É também por isso que essa atitude sempre saiu derrotada, ou teve que inverter

a marcha. E os que agora atacam a Filosofia estão bem a tempo de compreender o erro que estão cometendo.

Como o senhor avalia o panorama da Filosofia Medieval na atualidade? Como vê a atual produção na área e o que tem feito de novidade e de relevância para a produção filosófica?

Em anos recentes a pesquisa em Filosofia Medieval evoluiu em múltiplos sentidos, tornando-se um campo de pesquisa muito vivo e entusiasmante. Continuam a ser estudados os grandes pensadores e em todos os domínios tradicionais da filosofia, sobretudo antropologia, epistemologia, lógica, metafísica, filosofia da natureza e cosmologia, ética e filosofia da ação, política, estética. Hoje prefere-se entender esse longo período (c. séc. IV até o séc.

estudaram, discutiram e propuseram uma reorganização dos programas que está a ser testada em um grande número de escolas e em breve será generalizado. Foi o próprio Ministério que procurou a colaboração das sociedades científicas em todos os domínios, e o processo decorre com normalidade e cooperação, no meio de todas as diferenças de opinião que são enriquecedoras e sempre vêm à discussão.

2º) Recuperação de ensino da Filosofia: Há cerca de seis anos em Espanha foi suprimido o ensino obrigatório da Filosofia nos liceus. A comunidade filosófica mobilizou-se e respondeu criando a Red Española de Filosofía, a qual liderou um processo de diálogo com os agentes políticos que durou cerca de quatro anos e, no final, conseguiu a reintrodução da Filosofia no Ensino Secundário. Sem a persistência da REF, o poder político teria perdido a oportunidade de compreender o contributo positivo que a Filosofia dá para a formação da capacidade de pensar e da cidadania.

3º) Cooperação internacional: Por iniciativa da ANPOF e de sociedades filosóficas ibero-americanas, a 20 de abril de 2017 foi publicada a "Declaração de Salvador a favor da Filosofia". Esse documento foi crucial para o sucesso da luta da REF em Espanha. E no diálogo aberto e cooperante com as instituições públicas poderá ter o mesmo sucesso em outros países do nosso mundo euro-latino-americano. Nesse plano, a cooperação internacional é indispensável. Na IIª Bienal de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia (2019), pude assistir ao testemunho de solidariedade e apoio à comunidade filosófica brasileira transmitido pelo presidente da Société Française de Philosophie (Prof. Denis Kambouchner, da Sorbonne, Paris) e por mim próprio, em nome da Sociedade Portuguesa de Filosofia. As sociedades internacionais também têm a obrigação de sensibilizar as autoridades para a oportunidade que está a ser perdida ao querer dispensar-se a Filosofia e a universidade de dar o seu melhor contributo para o saber, a ciência e a sociedade no seu todo.

XVI) a partir da perspectiva da pluralidade de filosofias, de religiões, de línguas, de tradições e de escolas. Por isso, a disciplina consolidou a capacidade para entender a filosofia em todas as tradições, onde se incluem cristãos, judeus, muçulmanos e as orientações heterodoxas no interior de cada uma dessas religiões. E não se pode esquecer de que se escrevia filosofia em grego, hebraico, árabe, latim e nas diversas línguas que nasceram no final da Idade Média.

Eis aí o poder da diversidade... Ao descobrir esta diversidade, a própria área vive hoje uma renovação visível, que tem contribuído para alargar o cânone filosófico, incluindo textos filosóficos ou especulativos escritos por mulheres, por leigos e mesmo nas nascentes línguas vernáculas europeias, incluindo também a sua expansão para o Novo Mundo americano ou asiático no final da Idade Média e início da Idade Moderna. A atenção a essa diversidade e à circulação geográfica e intercultural do saber filosófico é um dos resultados mais sensíveis da pesquisa recente. E tem crescente importância o diálogo direto com a filosofia contemporânea, benéfico para ambos os campos: por um lado permite outra compreensão das teorizações medievais e, por outro, permite enriquecer a filosofia contemporânea com o melhor conhecimento dos mesmos caminhos já trilhados no período medieval.

Qual é o significado da criação da nova Sociedade Brasileira de Filosofia Medieval?

As sociedades científicas desempenham hoje um lugar insubstituível enquanto instituições agregadoras e dinamizadoras de estudantes e de especialistas com interesses científicos ou profissionais comuns. Nos últimos 40 anos, a medievalística filosófica brasileira tornou-se plenamente internacionalizada, dando contributos de primeiro plano para o campo de estudos. A

criação da Sociedade Brasileira para o Estudo da Filosofia Medieval (<http://sbefm.com/>), que entre 7 e 10 de outubro de 2019 teve o seu primeiro congresso internacional na UFRGS em Porto Alegre, prossegue outras iniciativas anteriores e se beneficia do impulso dado por diversos GTs da ANPOF e por outros eventos recentes. Por outro lado, a SBEMF permite também aspirar a outro grau de envolvimento da comunidade científica, de modo a reivindicar o seu lugar próprio no plano internacional, na universidade e nas instituições acadêmicas brasileiras. O trabalho individual isolado é hoje insuficiente, dada a necessidade de discussão e difusão das pesquisas. Já as sociedades científicas estimulam a interligação e facilitam a participação em atividades da comunidade científica alargada, nacional e internacional. Por isso, apesar da dificuldade e do enorme esforço que representa organizar um grande Congresso como este da UFRGS, ele é um serviço inestimável à comunidade filosófica.

Que importância tem essa criação no contexto em que vivemos?

Em todas as situações de refluxo de investimento ou de reconhecimento público, as sociedades científicas devem ser também uma voz ativa representando a totalidade dos seus membros junto das autoridades acadêmicas e públicas. Sem reconhecimento público é muito mais difícil que a sociedade como um todo beneficie e saiba valorizar todos os avanços conseguidos pela pesquisa científica, neste caso com o estudo de uma época que viveu longamente as vantagens filosóficas, sociais, culturais e econômicas da circulação do saber entre diferentes culturas, línguas e religiões. Por essas razões, a criação da SBEMF é sem dúvida uma excelente notícia para as sociedades congêneres de outros países. E os colegas brasileiros que a criaram ou dela são membros estão verdadeiramente de parabéns. 🌱

Nádia Junqueira Ribeiro é jornalista da Anpof e doutoranda em Filosofia Política na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Alfredo Storck é professor do departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Desejo de sucesso

POR ÉRICO ANDRADE

O professor de literatura Anco Márcio costuma dizer que a experiência da arte é de alargamento de nossa humanidade. Quando, por exemplo, lemos um romance coreano, nós ampliamos a nossa humanidade ao reconhecer naquela cultura, um tanto distante, a nossa própria experiência afetiva. Poderia dizer no mesmo sentido, mas com o recurso ao antônimo: ela estreita. A arte estreita a nossa experiência de humanidade e mostra como as fronteiras entre países, em algum sentido, são artificiais porque não dão conta do nosso elo comum. Afetos.

O filme *Parasita* é tanto a nossa humanidade estendida pela experiência comum de corrosão do caráter, promovida pelo capitalismo, quanto a nossa humanidade estreitada por aquilo que nos conecta a uma mesma vulnerabilidade expressa na contingência do tempo. E é sobre o desejo de sucesso. A fotografia do arremesso vencedor de Chung-Sook (matriarca da família), ao lado de sua medalha de ouro, figuram na parede da casa para cumprirem a função de uma esperança de um empreendimento de sucesso. É o passado que ainda normatiza o futuro.

Ele é reeditado para mostrar o sucesso da família quando Chung-Sook repete (no jardim da família do senhor Park para o qual trabalhava) o seu arremesso, mas agora para reforçar o sucesso de toda sua família no empreendimento de estelionato e para nos mostrar como o desejo pelo sucesso nos rouba o caráter, como diz Richard Sennett. É com essa imagem totêmica de sucesso que o diretor Joon-Ho Bong conduz o roteiro do filme.

Quando inundado por uma chuva torrencial, o subsolo no qual morava a família Ki-Taek tem apenas alguns objetos recuperados. Claro, a foto e a medalha estão entre eles. São carregadas com determinação por Ki-Taek. Mesmo percebendo a acidentalidade da natureza diluir seus poucos recursos, longe de criticar o sistema capitalista, que liquidifica sonhos mais do que os realiza, o traz embaixo do braço. Não o abandona como não abandona a foto. Como disse no meu livro *Sobre Losers*: abandona-se o eu, mas não o ideal do eu. Em outras palavras, nos demitimos de nós mesmos,

mas não questionamos o sistema que a todos demite.

O filme *Parasita* ajusta-se a tantas outras obras produzidas em outras culturas e que tocam na borda estendida da miséria do capitalismo. A periferia do sistema. A sua maioria. Na montagem do filme, o ambiente claustrofóbico onde mora a família Ki-Taek ganha a sua metáfora mais radical quando, na cena subsequente, a saída de Ki-Woo (filho do casal) do subsolo, onde mora, é seguida de uma tomada na qual é destacada uma rua que é uma subida e que está repleta de casas enormes. Ascensão social. Mas a ascensão a que a periferia pode chegar só pode ser atingida basicamente pela corrupção.

A família de Ki-Taek monta uma conspiração estelionatária com objetivo de se ocupar de todos os cargos disponíveis para servir a rica família do senhor Park. Quando consegue se livrar de todos os empregados da família para lhes ocupar os postos, sofre um revés que acentua um conflito no interior de uma mesma classe social. Uma guerra pela sobrevivência que faz o capitalismo imperar pela divisão que tece no seio das classes trabalhadoras.

A disputa pela sobrevivência num sistema que conduz à guerra todos contra todos. A fúria de Guen-Se, condenado a uma vida no subsolo por dívidas, como estão condenadas as famílias pobres da periferia de Seul e das periferias das grandes cidades do mundo, ganha o seu destino mais comum: a violência. A violência que o capitalismo também não criou, mas que vive dela. Mortes se avolumam no desfecho do filme, atingem as vidas menos vulnerabilizadas pelo sistema, a classe rica, mas acentuam que na guerra de todos contra todos do capitalismo todos são de algum modo perdedores. *Losers.* 🌻



ÉRICO ANDRADE é filósofo, psicanalista em formação, professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).
ericoandrade@gmail.com

